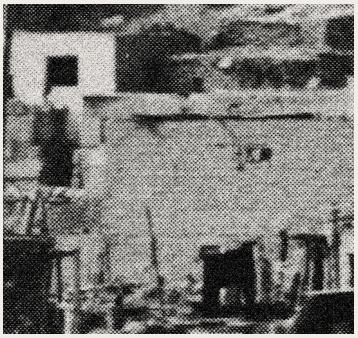
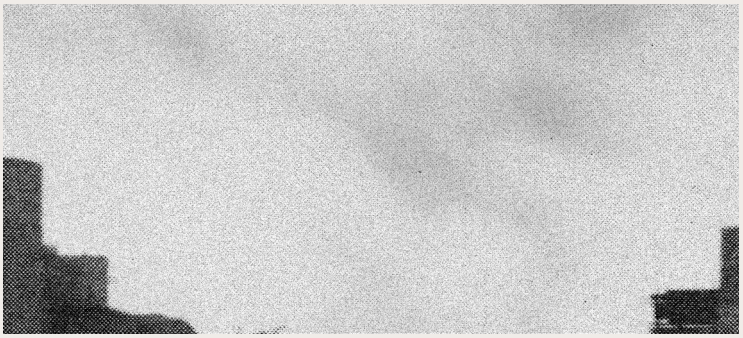
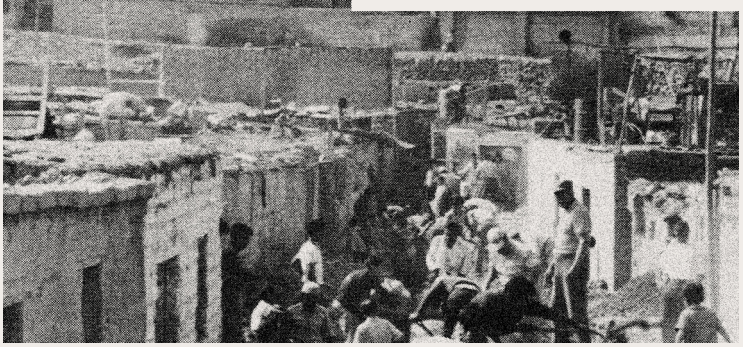


FUA



ARTIGO



ARTIGO

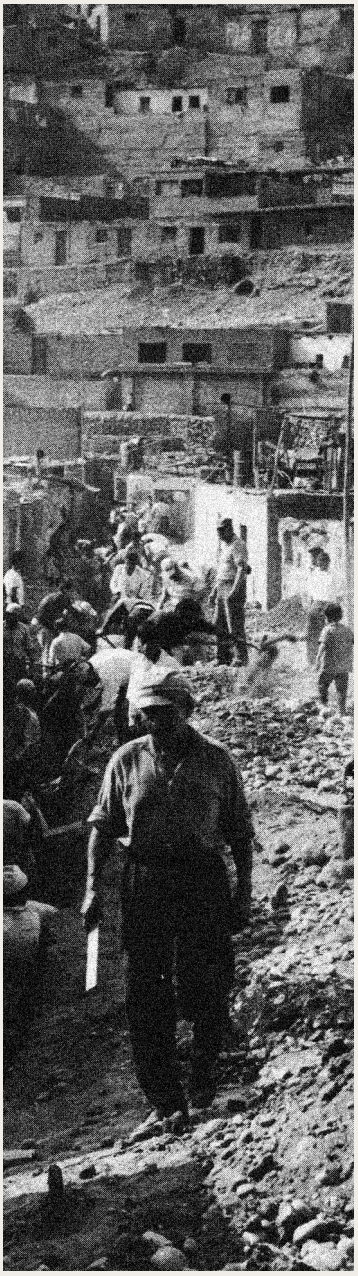
Eduardo Neira Alva e John F. C. Turner.
(Des)construindo paradigmas sobre autoconstrução, autogestão e ação comunitária, 1958–1963

Eduardo Neira Alva y John F. C. Turner.
(De)construyendo paradigmas sobre autoconstrucción, autogestión y acción comunitaria, 1958-1963

Eduardo Neira Alva and John F. C. Turner.
(De)constructing paradigms on self-construction, self-management and community action, 1958-1963

José Carlos Huapaya Espinoza
Universidade Federal da Bahia

Breno Eitel Zylbersztajn
Universidade Mackenzie



RESUMO:

Apesar de a produção de John F. C. Turner ser ampla e significativa, é possível afirmar que é através de algumas referências pontuais que se pode entender seu pensamento basilar sobre as favelas e os problemas de moradia nos países chamados "subdesenvolvidos", o que viria a torná-lo conhecido mundialmente. Isso não significa de forma alguma que esses temas não tenham sido discutidos e/ou encarados nos países do continente (com maior ou menor ênfase); ou, dito de outra forma, a abordagem dos temas tratados por Turner não era novidade para nós, mas sim para os países "desenvolvidos", em especial os europeus, além dos Estados Unidos, como demonstrado por alguns pesquisadores. O que pode ser percebido é que a partir da década de 1960 vemos a consolidação e a afirmação de uma base teórica que traz como foco de discussão temas como a autoconstrução, a autogestão e ação comunitária. Ao contrário do cenário ilustrado, interessa-nos apostar neste capítulo em um debate que traga à luz, também, personagens e experiências (apagadas, esquecidas ou ignoradas) que, no nosso entender, foram fundamentais para a elaboração de tais corpos teóricos. Assim, interessa-nos, de um lado, entender como se deu essa apropriação de experiências, identificando ou não, paralelos, avanços e eventuais contribuições; e, do outro, relativizar e tensionar o ineditismo da base teórica turneriana.

Palavras-chave: Eduardo Neira Alva, John F. C. Turner, autoconstrução, autogestão, ação comunitária.

RESUMEN:

Si bien la producción de John F. C. Turner es amplia y significativa, es posible afirmar que es a través de algunos referentes específicos que se puede entender su pensamiento básico sobre las barriadas y los problemas habitacionales en los países llamados "subdesarrollados", lo que le permitiría ser conocido mundialmente. Esto no quiere decir de ninguna manera que estos temas no hayan sido discutidos y/o abordados en los países del continente (con mayor o menor énfasis); o dicho de otra manera, el enfoque de los temas tratados por Turner no era nuevo para nosotros, sino para los países "desarrollados", especialmente los europeos, además de Estados Unidos, como lo demuestran algunos investigadores. Lo que se puede observar es que a partir de la década de 1960 hemos visto la consolidación y afirmación de una base teórica que se centra en temas como la autoconstrucción, la autogestión y la acción comunitaria. Contrario a este escenario establecido, nos interesa centrarnos en este capítulo en un debate que también traiga a la luz personajes y experiencias (borradas, olvidadas o ignoradas) que, a nuestro entender, fueron fundamentales para la elaboración de tales cuerpos teóricos. Así, nos interesa, por un lado, comprender cómo se produjo esa apropiación de experiencias, identificando o no, paralelismos, avances y posibles aportes; y por el otro, relativizar y tensionar la novedad de la base teórica de Turner.

Palabras clave: Eduardo Neira Alva, John F. C. Turner, autoconstrucción, autogestión, acción comunitaria.

ABSTRACT:

Although John F. C. Turner's output is broad and significant, one can say that it is through some specific reference works that we can understand his basic thinking on slums and housing problems in so-called "underdeveloped" countries, which has made him known worldwide. This does not mean in any way that these topics were not discussed and/or addressed in the countries of the continent (with greater or lesser emphasis); or in other words, Turner's approach to these topics was not new to us, but it was to the "developed" countries, especially European ones and the United States, as demonstrated by some researchers. What can be seen is that, from the 1960s onwards, we witnessed the consolidation and affirmation of a theoretical basis that focused on topics such as self-construction, self-management, and community action. Contrary to the aforementioned scenario, we are interested in focusing in this chapter on a debate that also brings to light characters and experiences (erased, forgotten or ignored) that, in our understanding, were fundamental for the elaboration of such theoretical corpus. Thus, we are interested, on the one hand, in understanding how this appropriation of experiences occurred by identifying (or not) parallels, advances, and possible contributions; and, on the other, in relativizing and challenging the originality of Turner's theoretical basis.

Keywords: Eduardo Neira Alva, John F. C. Turner, self-construction, self-management, community action.

Introdução

Em fevereiro de 1976, John Francis Charlewood Turner lança seu famoso livro *Housing by People: Towards Autonomy in Building Environments,* no qual deu continuidade às abordagens iniciadas e delineadas em seu célebre e polêmico artigo "Dwelling Resources in South America" e no livro *Freedom to Build: Dweller Control of the Housing Process,* organizado em parceria com Robert Fichter,[1] publicados em 1963 e 1972, respectivamente (ver Figuras 1, 2, e 3). Apesar de a produção de Turner ser ampla e significativa, é possível afirmar que é através dessa trilogia fundamental que se pode entender seu pensamento basilar sobre as favelas e os problemas de moradia nos países chamados "subdesenvolvidos", o que viria a torná-lo conhecido mundialmente. O fato de esses dois livros terem sido publicados na língua castelhana de forma quase simultânea com as versões originais em inglês[2] mostra não só o impacto de seu instigante arcabouço teórico, mas, também, no mínimo, uma linguagem e posicionamento atrativos nessa década, marcada pelo discurso político em relação aos mais vulneráveis e à mobilização política.

Quer dizer que, concordando com Riofrio (1987), em um lapso de praticamente 13 anos (entre a publicação de "Dwelling..." e *Housing by People*) soube-se mais das *barriadas* latino-americanas a partir da produção estrangeira, em especial, escrita em inglês.[3] No entanto, isto não significa de

1 Robert Fichter é ainda uma figura pouco conhecida. Sabe-se que foi pesquisador na Mayor's Office of Public Service (OPS) em Boston e que depois, no final da década de 1970, nessa mesma cidade, foi diretor do Parkman Center for Urban Affairs. No livro *Freedom to Build*, ele assinou parte de um texto em parceira com Turner e Peter Grenell, intitulado "Mayor autonomía en la construcción de la vivienda: construcción y conclusiones". É possível pensar que o livro organizado com Turner tenha lhe permitido um destaque local/nacional. Isso, em parte, pode explicar uma série de publicações posteriores voltadas para questões como o envolvimento da comunidade em termos de políticas públicas, com especial interesse naquelas articuladas com o lazer. Dentre essas publicações podemos mencionar: *Managing Vandalism: a guide to reducing damage in parks and recreations facilities,* em parceria com Alvin Scott e Scott King (1978), e *Urbababble* (1980), ambos editados pelo Parkman Center for Urban Affairs; e, também, *Private and Voluntary Sector Involvement in Urban Recreation* (1979), preparado para o U.S. Department of Housing and Urban Development / Office of Policy Development and Research.

2 *Housing by People*... foi traduzido para o espanhol como *Vivienda. Todo el poder para los usuarios*, aparecendo na Espanha em 1977. Já *Freedom to Build*... foi traduzido para o espanhol como *Libertad para construir: el proceso habitacional controlado por el usuario*, tendo sido publicado em 1976 pela editora Siglo XXI no México, que tinha outros dois centros de difusão: Argentina e Espanha. Os livros também foram traduzidos para o italiano e foram intitulados *Libertà di construire* (1979, *Il Saggiatore*) e *L'abitare autogestito* (1979 e 2016, Jaca Book). Oyón (2018, p. 238) afirma também que *Libertad para construir* foi publicado em francês, alemão e holandês na segunda metade da década de 1970.

3 De fato, por exemplo, no caso de Turner, seu artigo "Dwelling..." foi publicado em castelhano após 55 anos, em 2018. Somente em meados da década de 1960 começam a serem publicados textos dele em idioma local, dentre eles: "Cooperación popular universitária y la assistencia técnica a la comunidade" (1964) e "Recursos habitacionales en América Latina" (1964), publicados na revista *Desarrollo y Democracia*; "La autoconstrucción" (1966) e "La marginalidad urbana" (1966), publicados na revista *Desarrollo Económico*; "El profesional y el desconocimiento de la urbanización espontánea", que apareceu nos Anais do *XII Congreso Panamericano de Arquitectos* (1968); e "Problemas del hábitat. Soluciones administrativas y soluciones populares", publicado na revista argentina *Cuadernos Summa – Nueva Visión* (n. 29, 1969). Em 1972, foram publicados seus artigos "Barreras y canales para el desarrollo de la vivienda en los países en vía de modernización" e "Una nueva visión del déficit de vivenda"

forma alguma que esses temas não tenham sido discutidos e/ou encarados nos países do continente (com maior ou menor ênfase); ou, dito de outra forma, a abordagem dos temas tratados por Turner não eram *novidade* para nós, mas, sim, para os países "desenvolvidos", em especial os europeus, além dos Estados Unidos. Aliás, grande parte da historiografia especializada vem reforçando e afirmando continuamente a ideia de uma *nova visão* e construção teórica sobre o fenômeno da cidade popular latino-americana a partir da contribuição *decisiva* de *experts* exógenos à região, dentre eles o próprio Turner.

Figura 1. Capa da revista *Architectural Design*, onde foi publicado o artigo "Dwelling...", de Turner.

Fonte: *Architectural Design* (n. 8, agosto de 1963).

na coletânea organizada por Lewis (inicialmente publicada em inglês, em 1971). É claro que outros textos, mais especificamente aqueles produzidos para os governos locais, como informes ou palestras, foram publicados em castelhano, porém o acesso a eles se dava de forma restrita.

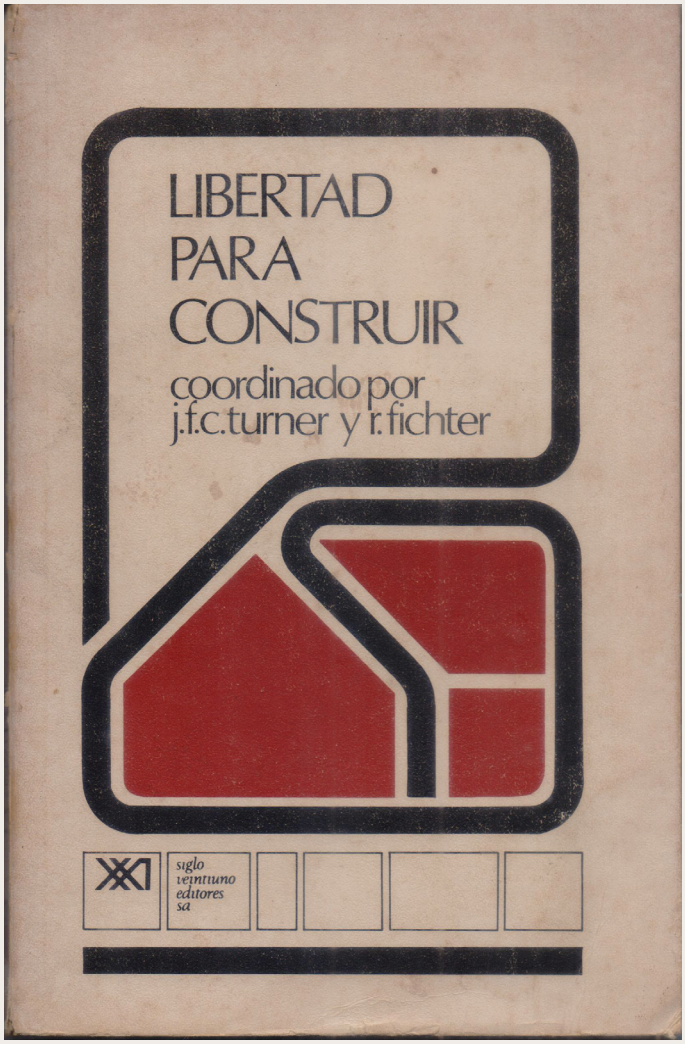


Figura 2. Capa da versão castelhana do livro *Freedom to Build.*

Fonte: *Libertad para construir* (1976).

De fato, no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, houve uma circulação significativa de técnicos vinculados a organizações como a OEA e a ONU, além de missões acadêmicas formadas por professores vinculados a universidades estrangeiras, que tinham como objetivo *entender* o fenômeno das *barriadas*, propondo soluções *afins* à realidade desta parte do continente.[4] É interessante chamar a atenção para as redes profissionais que foram se configurando nesse momento a partir de um fluxo de mão dupla: latino-americanos se especializando na Europa e nos Estados Unidos e norte-americanos e europeus *aprendendo* com os países "subdesenvolvidos". A isso, podemos acrescentar a importância que os fóruns locais tiveram para fortalecer e legitimar, também, esse olhar estrangeiro. Por exemplo, um caso quase esquecido pela historiografia é o do

4 No caso do próprio, como veremos mais adiante, Turner "em 1965 é convidado a se associar ao Joint Center for Urban Studies. Com o financiamento da Ford Foundation" (ZYLBERSZTAJN, 2018, p. 26). Dois anos antes, em 1963, ele foi contratado como assessor pelo Departamento de Cooperação Técnica do governo britânico (OYÓN, 2018, p. 217).

Figura 3. Capa da versão castelhana do livro *Housing by People* (1976).

Fonte: *Vivienda. Todo el poder para los usuarios* (1977).

Charles Abrams e suas pesquisas sobre o problema da habitação social e aqueles gerados pela cidade informal iniciados no final da década de 1930, que tiveram como objeto de análise o contexto norte-americano, mas que depois se expandiram para o caso latino-americano ainda no início da década de 1960.[5] O próprio Turner (1980), após conhecer pessoalmente Abrams em 1964, afirmou que compartilhava várias de suas questões, em especial sua posição crítica em relação aos programas e projetos de moradia oficiais.[6]

5 Dentre a extensa produção de Abrams, podemos citar: *The Future of Housing* (1946), *Squatters Settlements. The Problem and the Opportunity* (1968), relatório preparado para a Division of International Affairs, e *Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World* (1964). Este último livro é significativo já que foi o único traduzido para o espanhol (*La lucha por el techo en un mundo en urbanización*) e português (*Habitação, Desenvolvimento e Urbanização*), ambos em 1967. Posteriormente, outro texto dele, "O uso das terras nas cidades", foi publicado em 1972 na coleção *Cidades. A urbanização*, da editora carioca Zahar, o qual foi publicado originalmente em 1967 por Alfred A. Knopf nos EUA.

6 Ambos se conheceram no MIT, quando Turner foi dar uma palestra sobre as *barriadas* no Peru. O próprio Turner (1964), ao falar sobre os problemas gerados pelo crescimento populacional no mundo, cita em um de

Nesse cenário, no entanto, o processo de *aceitação* das teorias turnerianas não foi fácil como veremos mais adiante. Essa asseveração fica evidente, por exemplo, se analisarmos as tensões que suas afirmações criaram no meio profissional no Peru, país que o havia acolhido e onde teve a oportunidade de *construir* suas teorias (HUAPAYA, 2014a); ou mesmo, posteriormente, os eventuais desconfortos criados no Brasil após duras críticas à política habitacional adotada pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) (HUAPAYA; GRAPPI, 2017).

Não obstante essas vicissitudes, a partir da década de 1960, vemos a consolidação e a afirmação de uma base teórica que traz como foco de discussão temas como autoconstrução, autogestão e ação comunitária. Ao contrário do cenário *ilustrado*, interessa-nos apostar neste artigo em um debate que traga à luz, também, personagens e experiências (apagadas, esquecidas ou ignoradas) que, no nosso entender, foram fundamentais para a elaboração de tais corpos teóricos. Em especial, focamos nosso interesse na contribuição da experiência peruana sobre os três temas acima mencionados a partir dos estudos do sociólogo José Matos Mar e do arquiteto Eduardo Neira Alva. Nesse sentido, tomamos como hipótese o fato de que grande parte da construção e das propostas teóricas de Turner não foram inéditas como afirmado pela historiografia; pelo contrário, elas já eram assunto de discussão no contexto peruano (e, inclusive, latino-americano) muito antes da sua chegada a Lima, sendo, por conseguinte, prévias à sua publicação "Dwelling Resources in South America". Por essa razão, o recorte temporal escolhido relaciona-se com a análise de uma série de artigos e textos publicados entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960. Mais especificamente, referimo-nos ao artigo "Un interesante ejemplo de vivienda espontânea", de autoria de Eduardo Neira Alva, publicado na revista *El Arquitecto Peruano* em 1958, e o já mencionado "Dwelling...", publicado por John Turner em 1963 na revista inglesa *Architectural Design*. Além disso, baseamo-nos em informações obtidas nos arquivos pessoais de Eduardo Neira Alva (no Peru e no Brasil) e de John F. C. Turner (na Inglaterra).

Assim, propomos, de um lado, entender como se deu essa apropriação de experiências, identificando, ou não, paralelos, avanços e eventuais contribuições; e, do outro, relativizar e tensionar o ineditismo da base teórica turneriana.

A cidade informal em Lima. Aprendendo com as *barriadas*

No âmbito político, a década de 1950 constitui-se em um momento decisivo para o Peru. O curto período democrático do país iniciado em 1945, o Golpe Militar de Manuel A. Odría em 1948 e sua posterior eleição como presidente do país entre 1950 e 1956, foram os gatilhos para a ebulição e surgimento de partidos políticos de esquerda e centro que acabaram servindo de aglutinadores e de plataforma para a classe profissional e liberal em ascensão, dentre eles, o Acción Popular (AP) e

seus artigos o livro de Abrams *Man's Struggle for Shelter...*, o que demonstra que ele estava atento aos principais trabalhos sobre o tema desenvolvidos naquele momento.

o Movimiento Social Progresista (MSP), ambos organizados entre 1954 e 1956. As caraterísticas do AP eram reflexo de seu idealizador, o arquiteto Fernando Belaúnde Terry, que tinha, além de seu perfil de liderança, capacidade inata para congregar e agregar pessoas (HUAPAYA, 2014a). Nesse sentido, a composição do AP era heterogênea, incorporando também membros mais conservadores. Já o caso do MSP era bem mais restrito, sendo constituído, em especial, por profissionais de destaque da "elite técnica" (BALLENT, 2004, p. 90), que defendiam e acreditavam na transformação estrutural do país a partir do Estado Promotor, que controlaria e participaria de forma direta das "novas empresas produtoras socializadas e das unidades básicas das comunidades e organizações coletivistas a nível provincial, departamental e regional"[7] (MELGAR, 1991, p. 51, tradução nossa).

Alguns dos profissionais vinculados ao MSP foram o arquiteto Santiago Agurto Calvo[8] e o antropólogo José Matos Mar,[9] os quais haviam também participado da criação e feito parte do AP (GORELIK, 2008). Eduardo Neira Alva compartilhava com eles, além da sua aproximação pessoal e profissional, as bases fundamentais do partido político apostando em um "socialismo peruano baseado no trabalho, na união e na solidariedade como meio de liberação da inversão estrangeira" (MELGAR, 1991, p. 51, tradução nossa)[10]. Esse posicionamento, por um lado, desdobrou-se em uma série de ações que, no campo do urbanismo e em especial no da habitação, traduziram-se em revisões sobre as políticas estatais então adotadas; pelo outro, evidenciou um paulatino afastamento da visão hostil das *barriadas* explicitada nos meios de comunicação locais, inclusive na revista de Belaúnde Terry, *El Arquitecto Peruano* (EAP), como veremos mais adiante.

A isso tem que ser acrescentada a problemática urbana decorrente do estabelecimento de um "novo tipo de ocupação" do espaço urbano de Lima resultante "das grandes *barriadas* e urbanizações populares",[11] que eram, por sua vez, decorrência de um intenso processo de migração para a capital (RIOFRIO, 1978, p. 13). No artigo "La migración provinciana", publicado no jornal *El Comercio*, ainda em meados de 1954, chama-se a atenção de como as "urbanizações clandestinas" vinham servindo de "refúgio e albergue a muitas das pessoas que, acaso sem maiores recursos ou aspirações,

7 "Nuevas empresas productoras socializadas y las unidades básicas de las comunidades y organizaciones sociales colectivas a niveles pronvinciales, departamentales y regionales".

8 Santiago Agurto Calvo formou um escritório junto com Javier Cayo Campos e Eduardo Neira Alva. Essa parceria lhes permitiu a elaboração de uma série de projetos representativos no país, além da obtenção de premiações em concursos públicos, dentre eles os projetos para a Faculdade de Medicina da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (1952), o campus da Pontificia Universidad Católica del Perú (1953) e o Edificio de Seguros La Colmena (1958). Ainda, Augurto Calvo foi um dos principais projetistas de moradia social construídos pela Corporación Nacional de la Vivienda, como os *agrupamientos* Angamos (1950) e Miraflores (1950) e os conjuntos habitacionais Matute (1954), Mirones (1954) e Rimac (1954) (HUAPAYA, 2014b).

9 Com José Matos Mar, Neira Alva mantinha um vínculo familiar, ele era seu concunhado (GORELIK, 2008, p. 29).

10 "Socialismo peruano basado en el trabajo, la unión y la solidaridad como medio de liberación de la inversión extranjera".

11 Nesse ano, estima-se que 10% da população da capital peruana morava em *barriadas*, localizadas em áreas periféricas da cidade (RIOFRIO, 1978).

vêm estabelecendo-se continuamente em nossa cidade"[12] (tradução nossa). No entanto, afirmava-se que esse fenômeno não era apenas local, mas, pelo contrário, a sua abrangência era continental razão pela qual havia sido incluído na X *Conferência Interamericana*, realizada em março desse mesmo ano em Caracas, a qual teve a temática voltada para o problema do comunismo e colonialismo. Embora note-se claramente o posicionamento elitista desse artigo, duas questões chamam a atenção: em primeiro lugar, a afirmação de que para o progresso da capital era necessário o trabalho conjunto entre iniciativa pública e privada; e, em segundo, a importância da "participação ativa" da "massa social" (LA MIGRACIÓN, 1954, p. 4).

É nesse contexto que surgem os primeiros estudos sistematizados que tiveram como foco principal as *barriadas* a partir de vários campos de atuação e olhares, inclusive estrangeiros. Como exemplos, podemos citar os estudos para o livro *Lima y sus suburbios* (1957), do médico e historiador Carlos Enrique Paz-Soldán, as pesquisas desenvolvidas pelo geógrafo inglês John Peter Cole[13] em 1957 e pelo sociólogo norte-americano William Mangin entre 1958 e 1960, além das realizadas por José Matos Mar. É, portanto, um momento ímpar que permitiu a troca de experiências, sendo também, de forma mais significativa, uma possibilidade de rever conceitos talvez já estabelecidos em outros contextos. A respeito disso, Mangin lembrava que:

> Em 1958, escrevi um artigo onde afirmava que as *barriadas* eram uma solução para o problema da moradia, um problema que nenhum governo podia resolver. Nesse sentido, é uma solução, ainda que toda vez que se fale em *barriadas* se fale dos *problemas* das *barriadas*. Claro, é um problema no sentido em que são pessoas que estão morando em más condições (GRINGO..., 1971, p.16, grifo nosso, tradução nossa)[14].

Apesar disso, ainda é pouco conhecida a contribuição categórica de Matos Mar para o arcabouço e fundamentação da teoria defendida posteriormente por Turner.[15] Em seu *Estudio de las barriadas limeñas,* realizado em 1955 com auspícios das Nações Unidas, Matos Mar tentou analisar e entender os problemas da urbanização da "Gran Lima" (ver Figura 4). Em uma das suas primeiras observações ele assinala que esse grupo social havia surgido a partir de fatores comuns aos dos países do continente e a presença destes era evidente em diversas cidades latino-americanas. Seu olhar, porém, se volta para entender suas principais caraterísticas: após estabelecidos, esses assentamentos

12 "Refugio y albergue de muchas personas que, sin mayores recursos o aspiraciones, se instaban continuamente en nuestra ciudad".

13 A respeito das pesquisas realizadas em Lima por ele, ver: Manguin (1967).

14 "En 1958, escribí un artículo donde afirmaba que las barriadas eran una solución para el problema de la vivienda. Un problema que ningún gobierno podía resolver. En ese sentido, es una solución, a pesar de que siempre se hable en barriadas se hable de los problemas de las barriadas. Claro, es un problema en el sentido que son personas que están viviendo en malas condiciones".

15 É interessante notar que Turner fez poucas ou limitadas citações em seus artigos aos profissionais peruanos. Essa atitude também ocorreu em relação ao arquiteto peruano Eduardo Neira Alva. A esse respeito, ver: Huapaya (2015b).

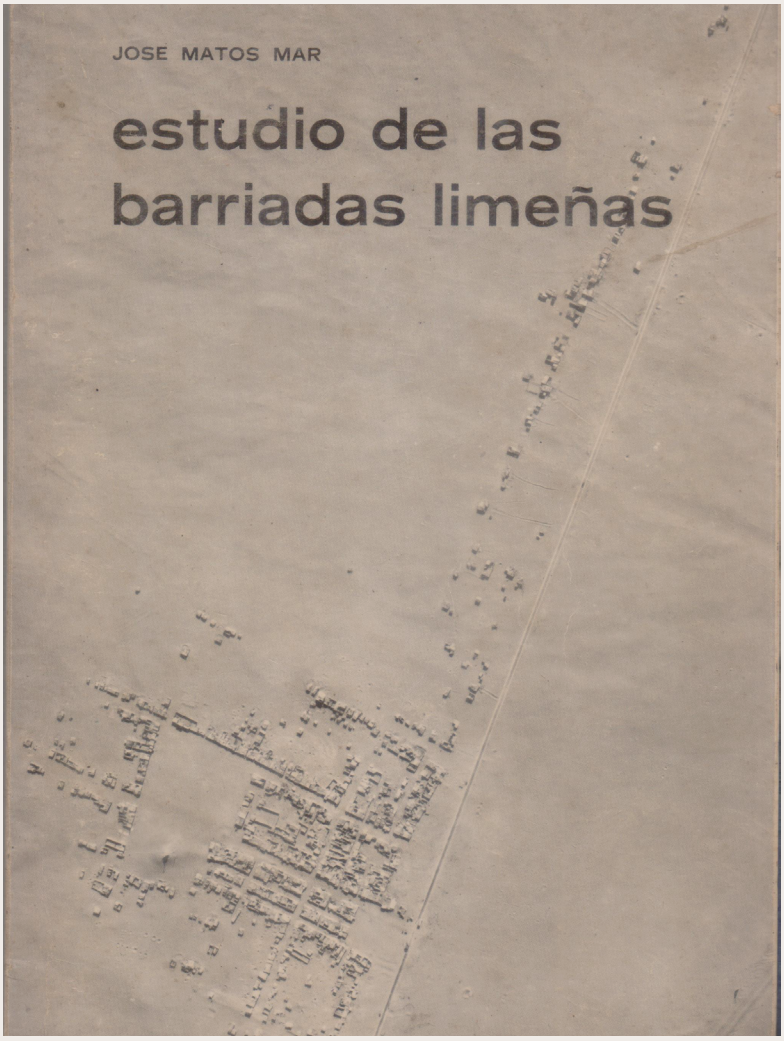


Figura 4. Capa do livro *Estudios de las barriadas limeñas*

Fonte: Acervo dos autores.

se organizavam em associações comunitárias. Neles encontravam-se representantes de todo o país. Por essa razão, se constituíam em verdadeiros "mosaicos nacionais", construindo suas próprias casas usando tijolo, adobe, esteira, papelão etc., e tendendo a se agrupar para formar uma Confederación General de Barriadas (MATOS MAR, 1966, p. 14).[16] Ou seja, ele observava não só os problemas, mas destacava suas possibilidades. Em relação aos processos de autoconstrução e autogestão da moradia, ele observa que ela era construída sem planos e de acordo com as necessidades dos "proprietários" a partir do trabalho individual ou mutirões (MATOS MAR, p. 24). Nesse sentido, era importante a ação comunitária não só no sentido de solidariedade com os recém-chegados, mas, também, para se constituírem em força política e assim demandarem do poder público questões relacionadas a infraestrutura e serviços básicos.

16 Essa posição foi defendida no Seminario sobre problemas de urbanización en América Latina, organizado por Philip M. Hauser em 1959, com patrocínio da ONU, CEPAL e UNESCO (HUAPAYA, 2016).

Esse estudo de Matos Mar mostrava que a solução para o problema de moradia não podia continuar a ser vista a partir de aspectos quantitativos, como então era defendido pelo próprio Belaúnde Terry e pela Corporación Nacional para la Vivienda, que naquele momento vinha enfrentando o déficit habitacional em todo o país através das *unidades de vizinhança*. É interessante lembrar ainda que nas páginas da EAP somente até meados da década de 1950 é que aparecem os primeiros artigos sobre as *barriadas* (até então ignoradas), porém sempre vistas a partir de uma perspectiva negativa. Inclusive, a posição de Belaúnde Terry sobre sua população era controversa.[17] Evidentemente, ele e Turner tinham formas de enfrentar e entender as *barriadas*, no mínimo, antagônicas e isso pode explicar o porquê de Turner nunca ter sido sequer citado na EAP. Apesar disso, eles compartilhavam um ponto em comum: o pensamento de Patrick Geddes (BELAÚNDE, 1960).

De fato, a pertinência dos aspectos qualitativos da moradia e da participação efetiva da população foram alguns dos resultados apontados pela Comisión para la Reforma Agraria y la Vivienda (CRAV) atuante entre 1956 e 1957, da qual o próprio Neira Alva foi membro. Os desdobramentos seguintes levariam, posteriormente, a uma significativa visibilidade das *barriadas,* dando-se ênfase às possibilidades e processos de organização, autogestão e autoconstrução de seus moradores. Não foi à toa que em 12 de janeiro de 1957 foi criado, mediante o Decreto Supremo Nº 178, a Oficina Nacional de las Barriadas, com a qual o Estado assume o dever de:

> Contribuir para aliviar os problemas derivados da formação de populações marginais na cidade Capital e em diferentes cidades da República, cujo baixo nível de vida e condições de insalubridade, segurança e sociabilidade são matéria de constante preocupação das autoridades (DONGO, 1962, p. 94, tradução nossa).[18]

Na escala nacional, seguiram-se uma série de estudos que fundamentavam do ponto de vista técnico que a solução para o problema de moradia e, em especial, para as *barriadas* tinha que ser repensada. Nessa linha, o próprio Neira Alva publicou na EAP o artigo "El Problema de la Vivienda en el Perú" (abril de 1956) e, na sequência, o arquiteto Adolfo Córdova elaborou o estudo para *La Vivienda en el Perú* (1958)[19]. Este último se constituía em uma tentativa de apresentar um "quadro completo e suficientemente aproximado da situação habitacional que permitisse conhecer quais eram as necessidades de moradia da população peruana" (CÓRDOVA, 1958, p. 11, tradução nossa).[20]

---

17 Ele considerou a emissão de carteirinhas indicando o local de nascimento, assim o acesso a determinados serviços em Lima seria destinado somente aos moradores locais e não aos vindos de outras cidades peruanas. A esse respeito ver: Huapaya (2014a).

18 "Contribuir para aliviar los problemas derivados de la formación de poblaciones marginales en la ciudad Capital y en diferentes ciudades de la República, cuyo bajo nivel de vida y condiciones de insalubridad, seguridad y sociabilidad son materia de constante preocupación de las autoridades".

19 A CRAVI também havia publicado nesse mesmo ano o "Informe sobre la Vivienda en el Perú", com o mesmo objetivo.

20 "cuadro completo y suficiente aproximado de la situación habitacional que permita conocer cuáles eran las necesidades de vivienda de la población peruana".

Na escala latino-americana, essas questões haviam sido incorporadas também pelo Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) entre o final da década de 1950 e inícios da década de 1960 (UNIÓN PANAMERICANA, 1962). Basta lembrar, por exemplo, os *cursillos* e manuais sobre autoconstrução, financiamento e tecnologia, os seminários regionais voltados para cooperativas de moradias, além de estudos e avaliação de conjuntos habitacionais como solução para o problema da moradia, como foi o caso do realizado para a *Unidad Vecinal Nº 3*, em Lima, em 1958[21] (ver Figura 5).

Figura 5. Capa do livro *Unidad Vecinal Nº 3* da Corporación Nacional de la Vivienda del Perú

Fonte: *Oficina Nacional de Planeamiento y Urbanismo del Perú (ONPU)* (1958).

21 Eduardo Neira Alva também participou desses estudos.

Arquitetura sem arquitetos. A solução para o problema da moradia e a contribuição de Eduardo Neira Alva

A trajetória profissional do arquiteto peruano Eduardo Neira Alva (1924-2005) revela-nos um percurso particular se pensarmos em suas contribuições para a construção de um olhar sensível sobre a cidade popular e as *barriadas*. Nascido na cidade de Trujillo, ao norte do Peru, ele se instalou em Lima no início da década de 1940 para realizar seus estudos de arquitetura na Escuela Nacional de Ingenieros (ENI), onde se formou em 1948.

Os últimos anos de formação foram decisivos para seu pensamento sobre arquitetura e urbanismo e, em especial, na relação destes com aspectos culturais locais. Nesse sentido, podemos mencionar, no mínimo, três acontecimentos relevantes: o impacto da Reforma Universitária na ENI de 1946; sua participação na formação da vanguarda arquitetônica local, a *Agrupación Espacio* entre 1947 e 1951; e sua colaboração no Plano Regulador para a cidade de Chimbote, desenvolvido em 1948 por José Luis Sert e Paul Lester Wiener.

A Reforma Universitária se tornou uma possibilidade de atualização e incorporação de disciplinas que se afastavam do ensino tradicional e conservador do curso de arquitetura na ENI. Entre elas, uma chama a atenção: *Problema Nacional de la Vivienda*, que seria ministrada pelo arquiteto Fernando Belaúnde Terry. Nas páginas de sua revista EAP, Belaúnde Terry sempre havia mostrado um interesse especial por esse tema, porém a partir de um viés bem mais pragmático e racional. A importância dessa disciplina, cursada provavelmente por Neira Alva,[22] repercutiria posteriormente no âmbito do *Instituto de Urbanismo* da ENI após sua contratação, em 1951, para ministrar uma série de conferências sobre planejamento regional (INSTITUTO, 1951).[23] O interesse de Neira Alva por essa temática revela-se a partir da sua proposta de trabalho final de graduação, em que optou por desenvolver, ao contrário de um projeto arquitetônico, o Plano Regulador para a cidade de Piura,[24] ao qual se seguiriam outros estudos que permitiriam sua aproximação com diversos contextos, problemáticas e realidades peruanas.[25] O próprio Belaúnde Terry defendia nas páginas da EAP a necessidade desse instrumento para o planejamento nacional e, uma vez assumido o

22 Essa nova disciplina foi locada no quarto ano de estudos, como Neira se formou ainda em 1948, é muito provável que ele tenha tido que cursá-la.

23 Em 1959, ele chegaria a assumir o cargo de Vice-Diretor do Instituto de Urbanismo (NOTAS, 1959).

24 Esse projeto foi elaborado em conjunto com outros cinco colegas: Hilda Scheuch de Roda, Teodoro Scheuch Hernández, Alberto Seminario Temple, Guillermo Proaño Rivero e José Cabieses García (LA HOJA..., 1949).

25 Como, por exemplo, o "Plan Integral para El Callao", elaborado em parceria com o arquiteto Julio Vásquez em 1950. Da mesma forma que Belaúnde Terry, Neira Alva também apoiava a necessidade de elaboração de Planos Reguladores como forma de descentralização; a esse respeito ver: Neira (1950a). Além disso, Belaúnde Terry e Neira Alva trabalhariam juntos na elaboração do "Plan Regulador de Cajamarca" em 1956; o projeto foi elaborado em parceria com os arquitetos Alfredo Pérez Gonzáles e Roberto Vallejo Díaz no âmbito da Oficina Nacional de Planeamiento y Urbanismo (ONPU).

cargo de deputado de Lima, incentivou os seus alunos na elaboração dos planos reguladores uma vez que poderiam ter utilidade real (HUAPAYA, 2014a).[26]

A participação de Neira Alva na formação da Agrupación Espacio (AE) mostrou seu interesse específico na aceitação, divulgação e aplicação do ideário dos *Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna* (CIAMs) e, mais especificamente, na sua aproximação e defesa do pensamento de alguns de seus principais representantes como Le Corbusier, José Luis Sert e Walter Gropius. Nota-se, contudo, uma posição particular em relação às questões culturais. De fato, se analisarmos o foco de seus artigos publicados na revista *Espacio* e na seção especial da AE no jornal *El Comercio*, é possível perceber a ênfase e valorização que ele deu à cultura andina, com a qual ele se identificava. Isso, por exemplo, evidenciou-se no projeto de sua própria residência em 1957 (HUAPAYA, 2015a) e em uma série de textos em que aborda (em alguns mais, em outros menos) essa temática. Dentre estes, podemos mencionar "El folklore andino en Lima" (1950), no qual ele afirmava que:

> O primigênio na arte é a verdade de essências. Se buscamos e propugnamos uma arquitetura moderna o contemporânea, o fazemos não pela modernidade, mas pelo reencontro de verdades perdidas de um processo evolucionado [...] É, então, possível contemplar algumas das mostras de maior significação do folclore musical e coreográfico na própria Capital da República. Esse milagre foi resultado das imensas colônias de *provincianos* residentes em Lima [...] Não é na Capital onde se está desenvolvendo a fusão cultural mais ativa e extensa de todo o país? (NEIRA ALVA, 1950b, p. 1, tradução nossa).[27]

Seu olhar positivo sobre os processos de *fusão cultural* e de transformação de Lima podem ter sido o modelo mais concreto para explicar as teorias de Geddes nas suas aulas do Instituto de Urbanismo. O importante, no entanto, é perceber que para ele os *provincianos* não eram um problema, mas, pelo contrário, poderiam ser entendidos como atores importantes para a *evolução* da capital peruana no sentido mais amplo da palavra.

Esse posicionamento e entendimento da importância dos aspectos culturais coincidiu também com sua participação no Plano Regulador para Chimbote. Esse episódio é relevante já que também o próprio José Luis Sert, à época presidente dos CIAMs, vinha tentando incorporar "versões modernas" de aspectos particulares da paisagem e cultura locais em seus projetos urbanos desenvolvidos

26 Ainda, é necessário reforçar essa relação estreita entre Fernando Belaúnde Terry e Eduardo Neira Alva. Foi também em 1948 que Belaúnde Terry propôs o prêmio da Medalla de la Sociedad de Arquitectos, outorgada ao aluno mais destacado do ano. Nessa primeira edição, foi dada a Eduardo Neira Alva (SOCIEDAD..., 1948).

27 "Lo primigenio en el arte es la verdad de esencias. Si buscamos y propugnamos una arquitectura moderna o contemporánea, lo hacemos no por la modernidad sino por el reencuentro de verdades perdidas en un proceso evolucionado [...] Es pues posible contemplar algunas de las muestras de mayor significación del folklore musical y coreográfico peruano en la propia capital de la república. Esta especie de milagro lohan realizado las inmensas colonias de provincianos residentes en Lima. ¿No es en la Capital donde se están llevando a cabo la fusión cultural más activa y extensa de todo el país?".

para a América Latina (GOMES; HUAPAYA, 2009). Os trabalhos de Neira Alva para a proposta de Chimbote marcam, portanto, seu afastamento e abandono progressivo do ideário da cidade funcional, propondo, assim, soluções reais para cidades reais. Não só Sert, mas também Neira Alva sentiu a força da cultura *chimbotana* a tal ponto que incorporaram os canais de irrigação incas e os padrões de casas locais com pátios na proposta final do projeto urbano (WIENER; SERT, 1953). Assim, valorizava-se não só a forma arquitetônica local elaborada por moradores locais, mas também seus costumes e a forma de se relacionar com o espaço urbano. Posteriormente, uma situação parecida se deu durante seus estudos no curso de verão do CIAM realizado em Veneza, em 1952, onde teve a oportunidade de propor um estudo para o desenvolvimento urbano da cidade, mantendo as atividades locais e afastando-se do "planejamento duro" e universal da Carta de Atenas.[28]

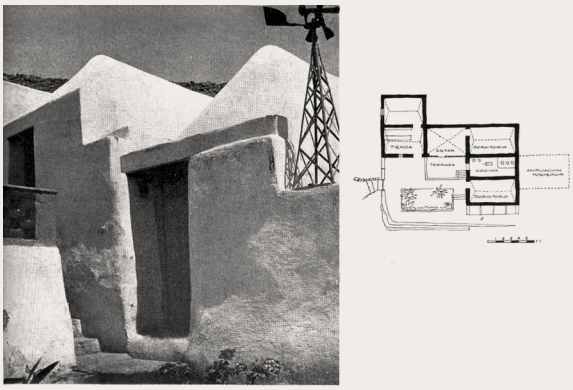
Porém, a aproximação de Neira Alva com questões vinculadas à autoconstrução, autogestão e ação comunitária apareceriam de forma direta a partir de uma série de reflexões provocadas após ter assumido o cargo de Chefe do Departamento de Urbanismo do Ministério de Obras Públicas (DU-MOP) do Peru (1953-1959). Algumas de suas funções estiveram voltadas para o enfrentamento e solução do problema habitacional no país. É nesse contexto que ele fez o convite a John F. C. Turner para viajar a Lima e assumir o cargo de assessor no DU-MOP.

Uma das viagens realizadas por Neira Alva junto com Turner, em 1958, seria o ponto de inflexão no pensamento de ambos sobre a cidade popular. Trata-se do impacto que teve o povoado de Congata, localizado ao sul de Lima, perto da cidade de Arequipa. No caso de Neira Alva, suas impressões, quase instantâneas, foram publicadas no artigo "Un interesante ejemplo de vivienda espontánea", publicado na EAP no mesmo ano da viagem. Já no caso de Turner, elas apareceriam cinco anos depois de forma mais organizadas e teorizadas em seu artigo "Dwelling Resources in South America" (1963). O interessante é que o discurso de ambos é muito próximo e, inclusive, o material utilizado (fotografias e plantas arquitetônicas) é praticamente o mesmo (ver Figuras 6 e 7).[29]

Em seu artigo, Neira Alva (1958) colocava em discussão algumas questões, no mínimo, polêmicas. Para ele, a arquitetura não necessariamente era resultado do trabalho dos arquitetos, mas muitas vezes ela brotava espontânea e livre da criação inconsciente dando resposta às necessidades de teto. Para Neira Alva, Viscarra (um morador local dedicado à agricultura) apresentava:

28 A esse respeito, ver: Huapaya (2015b).

29 Acreditamos que o material visual (fotografias) usado por Turner, na primeira parte de seu artigo, tenha sido elaborado por Neira Alva uma vez que foram encontradas as fotografias originais usadas, além dos respectivos negativos, em seu arquivo pessoal em Salvador, Bahia.



Un interesante ejemplo de Arquitectura Espontanea

Texto y fotografías del Arqto. Eduardo Neyra

La Arquitectura, que es al fin y al cabo la ciencia del equilibrio, no solamente nace del tablero racionalizado del arquitecto consciente de su búsqueda, sino que frecuentemente brota espontánea y libre de la creación inconsciente. Cuando se logra el balance entre la necesidad y las posibilidades y cuando por los misteriosos caminos de la sensibilidad se comprende al paisaje y se identifica con él, cuando la escala se mantiene dentro de los términos humanos y sobre todo cuando existe ese gran equilibrio entre el clima, la tierra, la economía lugareña y candor de las gentes sencillas que la crearon no para hacer Arquitectura sino para satisfacer sus necesidades de techo, recreándose solamente en la creación, nace espontánea y simple esa Arquitectura simple, recia, plástica, luminosa y blanca como la gente y la tierra de Arequipa.

En Congata, a unos minutos de la ciudad de Arequipa, se levanta un conjunto de viviendas campesinas. Están diseminadas en una pequeña región limitada por el puente de Tiabaya y el antiguo puente español de Uchumayo. Congata es una concentración de este tipo de viviendas primitivas que presentan elementos comunes en su arquitectura y en sus métodos y materiales de construcción: barro, adobe, madera, paña y cal. Dentro de estas casas, muchas de las cuales han perdido ya su encanto al "modernizarse" se destaca la casa o mejor dicho, el conjunto de viviendas levantados por Viscarra y sus hijos. No es la única de calidad; hay muchas otras que presentan valores indudables de proporción, armonía, buen gusto y adaptación al paisaje, pero este conjunto es tal vez el más logrado y desde luego el mejor construido y conservado. Sus propietarios, pequeños agricultores por generaciones, participan de la pobreza general de la zona, donde las únicas fuentes de trabajo son las pequeñas chacras de la vega del Chili y la fábrica de hilados de "El Huayco" a dos kilómetros de Congata.

Viscarra ha desarrollado sin embargo sus condiciones natas de constructor en su sentido más amplio, y es frecuentemente llamado a construir pequeñas obras. Viscarra es de hecho y por derecho, el Arquitecto de la zona, pero, como la mayoría de sus colegas, depende de una clientela inestable y exigente. Pero se recrea en su obra y contribuye sin saberlo a plasmar la arquitectura que algún día identificará a la cultura de este país.

Viscarra nunca estuvo en una escuela de Arquitectura, sin embargo todos los Arquitectos que han visto sus obras, lo saludan como a un colega, y a él le gusta mucho enseñar su casa y discutir sus problemas constructivos con los de su oficio. Y la obra de Viscarra no es un caso aislado. En toda la campiña arequipeña y en general en todo el sur del Perú es posible ver los mismos techos "de sombrero", el mismo concreto de casa; este grupo, es solamente el mejor.

más que el prototipo, el arquetipo, producto de una selección, como el Partenón no es sino el arquetipo del templo griego de la Edad de Pericles. Y saltando el tiempo y el espacio y también la diferencia que puede existir entre el mármol pantélico y el adobe y la cal arequipeña es como para pensar que si en la gran Arquitectura griega, consciente y "arquitectónica" hay un aire de familia con las viviendas mediterráneas que desde la Grecia primitiva hasta nuestros días cogen la luz del mediodía y se modelan en las mismas formas plásticas y puras, bien podríamos también intuir otro aire de familia entre arquitectura espontánea y las formas de una arquitectura de mañana, que liberada de prejuicios estilísticos —incluidos los modernos— se afirme al mismo tiempo, en un concepto integral del hombre universal y moderno y en las frescas esencias locales. Esta forma futura, si es sincera, producto de un balance de necesidades y posibilidades, si puede sentir el paisaje con la misma entrañable emoción y si se ajusta tan perfectamente a la tecnología disponible, entonces no hay por qué dudar que sus formas también tendrán algún aire familiar con estas formas primitivas, simples, si se quiere, pero llenas de sinceridad y frescura. Pero estarán enriquecidas con la técnica moderna, reafirmadas por el concepto racional de una formación académica y perfeccionadas por una disciplina del espacio y de la forma.

Para los arquitectos de mañana que pueden ser al mismo tiempo espontáneos y libres de prejuicios, naturales y dueños de una formación rigurosa, la obra anónima de Viscarra tiene el valor de una lección. Aunque él no pueda leer estas líneas, ni sentir este homenaje a su creación espontánea. Pero al ver sus fotografías sentirá también emoción del artista ante su obra.

"Nuestra vivienda del futuro, desembarazada de todo lo que no corresponde a nuestra realidad profunda, liberada de convencionalismos y de complacencias con el pasado, se abrirá al mismo tiempo sobre un mundo exterior sonriente y sobre un mundo interior de armonías secretas. Tal la virtud de la Arquitectura, el arte de organizar el espacio para la alegría del hombre".

"Toda solución contemporánea al problema del alojamiento no puede ser considerada solamente como técnica o funcional; siempre le hará falta un alma. ¿Por qué razón sentimos algunas veces una viva amistad por ciertas casas, nuevas o viejas, si no es porque participamos de la emoción de aquel que las ha animado, que les ha dado un lenguaje? ¿Por qué, otras veces frente a otras sentimos que una cierta hostilidad o una indecible tristeza emana de sus muros, sino es porque aquel que las ha construido ha permanecido indiferente a los valores de la calidad y la belleza? Aún si la construcción de viviendas económicas reduce de hecho nuestra libertad de creación y restringe nuestras posibilidades de realización, siempre habrá lugar para una solución ingeniosa y simple para hacer de toda vivienda un ser dotado de vida y lenguaje, de ese lenguaje cotidiano y accesible a cualquiera que nos inclina a identificarnos con su esencia alegre o melancólica, noble o vulgar, en virtud de ese poder educador, formador de hombres, que debe acompañar a la habitación... Será sin duda, un grave error, olvidar los valores intelectuales, sensibles y espirituales que caracterizan a la arquitectura puesta al servicio del hombre y reducir a un balance de tonos y de formas o también a una cuestión de monedas y metros cuadrados esta empresa formidable que tenemos por delante".

G. H. Pingusson (En "Esprit" Nos. 10-11, 1953).

Figuras 6 e 7. Páginas do artigo "Un interesante ejemplo de vivienda espontanea", de Eduardo Neira Alva.

Fonte: *Revista El Arquitecto Peruano* (jan./fev./mar. 1958)

Condições inatas de construtor no sentido mais amplo, e é frequentemente chamado para construir pequenas obras. Viscarra é, de fato e por direito, o Arquiteto da zona [...] Viscarra nunca esteve em uma escola de arquitetura, no entanto todos os Arquitetos que visitaram suas obras o cumprimentam como um colega (NEIRA, 1958, tradução nossa)[30].

30 "Condiciones natas de constructor en su sentido más amplio, y es frecuentemente llamado a construir pequeñas obras. Viscarra es de hecho y por derecho, el Arquitecto de la zona [...] Viscarra nunca estuvo en una escuela de Arquitectura, sin embargo todos los Arquitectos que han visto sus obras, lo saludan como a un colega".

Figura 8. Capa da revista venezuelana *Colección Espacio y Forma* (n. 9, jan. 1961).

Fonte: Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Universidad Central de Venezuela.

E ainda afirmava que:

> Para os arquitetos do amanhã que podem ser ao mesmo tempo espontâneos e livre de prejuízos, naturais e donos de uma formação rigorosa, a obra anônima de Viscarra tem valor de uma lição, mesmo que ele não possa ler estas linhas nem sentir esta homenagem a sua criação espontânea (NEIRA, 1958, tradução nossa)[31].

Em 1959, Neira Alva viaja para Caracas como assessor do Banco Obrero de Venezuela para realizar uma série de avaliações aos projetos de habitação social desenvolvidos nesse país. É nesse contexto que teve a possibilidade de refletir sobre seu texto escrito um ano antes, relacionando-o desta vez diretamente com as teorias *geddesianas*. O artigo "*La transformación del hábitat humano*"[32], publicado em 1961 como número especial da revista venezuelana *Colección Espacio y Forma* (Figura 8), pode ser entendido como um primeiro fechamento de ciclo em relação a seu pensamento sobre as *barriadas* e a cidade popular. Embora não aborde especificamente questões de autoconstrução, autogestão e ação comunitária, elas aparecem de forma indireta em seu discurso sobre a ecologia humana e os diagramas de notação da vida de Geddes. O mais interessante é sua valorização pela cultura andina, as lições contemporâneas que esta poderia trazer e, em especial, a responsabilidade social do arquiteto. A esse respeito, ele afirmava que o:

---

31 "Para los arquitectos de mañana que puedan ser al mismo tiempo espontáneos y libres de prejuicios. naturales y dueños de una forma rigurosa, la obra anónima de Viscarra tiene el valor de una lección. Aunque él no pueda leer estas líneas, ni sentir este homenaje a su creación espontánea".

32 Este texto também foi publicado na revista EAP no número de abr./maio/jun. 1962, porém em versão reduzida.

> Arquiteto permanece ainda, na maioria dos casos, reduzido ao serviço de minorias privilegiadas que, sobretudo nos países subdesenvolvidos, constituem uma espécie de "país superficial" que se antepõe a um "país profundo" abalado por violentos desgarramentos (NEIRA, 1961, p. 13, tradução nossa)[33].

Para Neira Alva, os arquitetos não só haviam se tornado insensíveis à realidade urbana das nossas cidades, mas também não sabiam como enfrentá-la; ou ainda pior, eles também haviam sido responsáveis pela transformação negativa da paisagem urbana. Nesse sentido, as *barriadas* eram o resultado do problema da moradia resolvido pelos próprios moradores (ver Figuras 9 e 10). Ao invés de entender esses processos, os arquitetos haviam se voltado para adoção de valores da cultura universal moderna sem levar em consideração os condicionantes locais.

Um aprendiz em campo: John F. C. Turner e sua atuação profissional no Peru

Com o objetivo de elucidar pontos obnubilados que giram ao redor do personagem e urbanista John F. C. Turner (1927-2023), esta seção trará dois momentos: o primeiro, um corte transversal de sua história trazendo o contexto e formação acadêmica (1944-1954); e o segundo (1957-1965), o que conseguiu, como profissional atuante no Peru, realizar com os valores apreendidos de formação. Londrino de berço, Turner nasceu em 1927 e cresceu em uma casa em Kent, que seu pai, também arquiteto, não apenas a desenhou como também a construiu. O avô materno de Turner trabalhou com William Morris, classificado por Choay como uma referência para o "pré-urbanismo culturalista", cuja filha, May Morris foi madrinha de Joscelyne V. Charlewood Turner, mãe de Turner. Depreende-se desse contexto da infância e adolescência de Turner que os valores do vernáculo, do produzido na escala local, pelas pessoas pertencentes ao lugar, orientaram o caminho e as escolhas que tomaria em seu percurso profissional.

Logo após ter se inscrito, em 1944, na Architectural Association School (AA) em Londres, completou a maioridade e, aos 18 anos, foi convocado para servir às Forças Armadas nacionais. Durante essa etapa, Turner se deparou com outras referências que marcaram sua formação, tais como o periódico anarquista inglês *Freedom*, que veiculava as ideias de Pyotr Kropotkin,[34] Herbert Read e Eric Gill. Além disso, o editor do periódico, Colin Ward (1924-2010), foi autor da introdução de seu livro *Housing by People...* (1976) (TURNER, 2007).

---

33 "Arquitecto permanece todavía, en la mayor parte de los casos, reducida al servicio de las minorías privilegiadas que, sobre todo en los países subdesarrollados, constituyen una especie de "país superficial" que se antepone a un "país profundo" conmovido por profundos desgarramientos".

34 Pyotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), geógrafo aristocrata Russo, foi um dos fundadores do movimento anarquista comunista e fundamenta, em suas obras, a descentralização de governos em busca de uma sociedade livre, baseada na associação voluntária e cooperativa entre a classe trabalhadora, por meio da ajuda mútua e apoio mútuo.

Figuras 9 e 10. Processos de autoconstrução de moradias através de processos de ação comunitária.

Fonte: Neira (1961).

Com o desafio de reconstruir uma Europa devastada pela segunda grande guerra, Jaqueline Tyrwhitt (1905-1983), comissionada pelo War Office (Ministério da Guerra), retoma em 1943 a School of Planning and Research for Regional Development (SPRRD). Essa escola se constituiu como um eixo de atuação da Association for Planning and Regional Reconstruction (APRR) em um programa de formação a distância para os soldados das trincheiras, objetivando a capacitação em planejamento para a necessária reconstrução territorial do pós-guerra. Estudiosa da obra, referência, trabalho, projeto e valores legados pelo urbanista Patrick Geddes, Tyrwitt não mediu esforços para transmiti-los adiante. "Turner foi estudante do curso de três meses destinado aos soldados que desejavam alcançar um certificado profissional e, assim, atuar como arquitetos urbanistas" (WELTER, 2001, p. 99; SHOSHKES, 2017, p. 2; ZYLBERSZTAJN, 2018, p. 53, tradução nossa).

Ao retornar à AA em 1947, Turner ganha o livro *Town Planning towards City Development: A Report to the Durbar of Indore* (1918) com observações escritas do punho do próprio autor, Patrick Geddes. Orientado por Tyrwhitt, Turner, Parffard Keatinge-Clay e Bruce Martin se debruçam sobre a obra de Geddes e analisam com precisão seus diagramas, fundamentando uma crítica à formação e atuação do urbanista e arquiteto quanto à interpretação dos processos e dinâmicas presentes no espaço construído.

> Turner argumenta que a relação entre Geddes e o anarquismo se dava pela compreensão compartilhada da "natureza orgânica da sociedade", governada pelas leis da natureza, e não pelas regras arbitrárias de organizações institucionais: "Pode-se atribuir, de fato, as falhas de todos os sistemas políticos e filosóficos ao uso de abordagens inorgânicas e não biológicas". Geddes incorpora em uma abordagem sintética uma análise de como pensar as disciplinas da economia, "biossociologia" e "a ciência da região e da cidade", o que confere ao seu trabalho uma abordagem técnica e ampla aplicabilidade (GYGER, 2013, p. 81, tradução nossa).[35]

Como resultado desses estudos, Turner publica um artigo na revista *Freedom* (n. 10, jan. 1948), além do apêndice da segunda edição de *Cities in Evolution* de Geddes, viabilizada por Tyrwhitt em 1951. Cabe pontuar que como secretária dos CIAM's, Tyrwhitt organizou o *VI* e o *VIII Congressos*, dos quais Turner participou. O tema do oitavo encontro, chamado "The heart of the city" (em português, o coração da cidade), elucida o contexto histórico de ruptura em que Turner estava inserido e carrega em seu título ao menos duas provocações: a primeira por evocar o centro cívico

35 Segundo Gyger (2013, p. 81, tradução nossa) "Poucos meses depois, a *Freedom* publicou dois artigos curtos de Giancarlo de Carlo, descrevendo uma abordagem anarquista da provisão de habitação. Argumentando que o problema da habitação de qualidade inferior só poderia ser resolvido ao dar controle aos moradores, De Carlo propôs ação direta e coletiva, como a ocupação de edifícios abandonados por posseiros. No entanto, ele não defende a habitação de autoajuda, o que ele acreditava resultar em mão de obra pobre e custos elevados. Em última análise, uma solução para as questões subjacentes exigiria uma reafirmação da "colaboração comunitária" através do planejamento urbano. A cidade, uma casa coletiva, também deve ser controlada por seus usuários, para seus usuários. "The Housing Problem in Italy", em *Freedom: Anarchist Fortnightly* (jun. 12, 1948) e "The Housing Problem and Planning", *em Freedom: Anarchist Fortnightly* (jun. 26, 1948)."

das cidades como desafio de reconstrução urbana; e a segunda, a metáfora crítica ao racionalismo modernista e seu discurso alinhado às indústrias ao mencionar a dinâmica orgânica das relações sociais no significado do espaço construído (ZYLBERSZTAJN, 2018; MARCHI, 2016).

> Em 1947, no CIAM VI, realizado em Bridgwater, Inglaterra, seus membros tentaram transcender a esterilidade abstrata da "cidade funcional", afirmando que "o objetivo dos CIAM consiste em trabalhar para a criação de um ambiente físico capaz de satisfazer as necessidades emocionais e materiais do homem" (FRAMPTON, 2003, p. 329).

Foi nesse contexto que Turner se forma e, em um curso de verão dos CIAM's, organizado pelo Istituto Universitario di Architettura de Veneza em 1952, conhece Eduardo Neira Alva, que, por sua vez, havia traduzido seu apêndice (aquele que Turner escreveu na reedição de *Cities in Evolution*) para seus alunos da Escuela Nacional de Ingenieros (ENI),[36] em Lima.

> Então, um ou dois anos depois, ele [Eduardo Neira] chegou à Inglaterra para um curso em Liverpool e nós dissemos a ele que estávamos pensando em ir para a Austrália, e ele disse: "Por amor de Deus" — isso era 1954, eu acho — "venha para o Peru porque um amigo nosso será o próximo presidente".[37] Ele era o líder de um partido chamado Acción Popular, então me pareceu muito interessante (TURNER, 2007, p. 2, tradução nossa).

Ao chegar ao Peru, acompanhado de sua família, Turner passa a trabalhar no escritório Agurto-Cayo-Neira e, simultaneamente, leciona no Instituto de Urbanismo da Universidad Nacional de Ingeniería (UNI). Durante sua participação no escritório de arquitetura "foram ao menos dois projetos não concretizados, um ao norte de Lima, em Supe, e outro como consultor em um relatório de melhorias habitacionais para uma fábrica têxtil em Huaycón" (ZYLBERSZTAJN, 2018, p. 61).

Antes de completar um ano em Lima, Turner se muda para Arequipa em junho de 1957, dando início a uma etapa em que confrontaria a teoria com a prática profissional. Inserido na Oficina de Assistência Técnica de Arequipa (OATA), conseguiu romper a estrutura, então blindada, das lideranças locais, que faziam o governo conhecer as suas vontades e não as da coletividade que representavam (ver Figuras 11 e 12). Essa foi uma etapa inicial de diálogo e formação de laços de confiança entre os profissionais e a população. Pouco tempo havia se passado desde sua chegada quando, em janeiro de 1958, a terra tremeu abalando mais de 10.000 habitações em áreas urbanas e rurais de Arequipa. As ações implementadas pelas autoridades para mitigar a situação eram

36 Posteriormente, em 1955, a ENI se transformaria na UNI.

37 Neira referia-se a Fernando Belaúnde Terry, eleito presidente do Peru duas vezes: de 1963 a 1965 e de 1980 a 1985. Como vimos anteriormente, a relação entre eles foi conturbada. Em relação a Belaúnde, Turner chegou a mencionar que: " Ele não [ganhou a eleição de 1965], e em retrospecto, foi ótimo que não tenha ganhado, porque quando ele foi presidente foi um desastre " (TURNER, 2007, p. 28).

LA PRENSA, 7 Días del Perú y del Mundo

Arequipa: Un Experimento de Ayuda Mutua en la Vivienda

- El Sistema Rebaja los Costos en un 40%
- Se Necesitan Sólo 200 Hectáreas para la Reubicación
- Las Urbanizaciones Populares Ocupan 1,400 Hectáreas

por John Turner

El Plan Maestro

Obras en Marcha

Ventajas de la Ayuda Mutua

Figura 11. Jornal *La Prensa*, s/d, c. 1958.

Fonte: John Francis Charlewood Turner Archives - Westminster University.

angustiantes aos olhos de Turner. Foram montados "campos supostamente temporários lotados de pessoas capazes e desesperadas para reconstruir suas casas, sendo impedidas de fazê-lo por autoridades determinadas a impor seus próprios planos inadequados" (INTERVIEW..., 2000, p. 3, tradução nossa)[38].

Pouco tempo bastou para Turner enxergar as contradições e falhas de projeto quando estes são impostos a realidades locais por autoridades técnicas "de gabinete" que estruturam a imaginação da teoria sem a prática e sintetizam isso em projetos que "levariam anos para serem desenvolvidos e para os quais os fundos e a capacidade gerencial eram geralmente insuficientes" (INTERVIEW...,

38 "supposedly temporary camp sites full of people able and desperately wanting to rebuild but being prevented from doing so by authorities determined to impose their own unsuitable plans".

2000, p. 3, tradução nossa)[39]. O desafio estava posto: encontrar um caminho economicamente viável para atender 10.000 habitações em um curto período. Neira Alva assumiu a coordenação da equipe da OATA e estruturou três linhas de atuação: o programa piloto de autoconstrução assistida de Miraflores, o projeto Ciudad Mi Trabajo e o programa Reconstrucción de Casas Rurales. Tanto o programa de reconstrução de casas rurais quanto o programa piloto de autoconstrução assistida de Miraflores consistiam em implementar unidades habitacionais mínimas, passíveis de ampliação realizada pelos próprios beneficiários, um destinado a áreas rurais, outro destinado ao reassentamento de *barriadas*. Essa medida visava criar laços de comunidade ao reconstruir um território, levando em conta fatores como identidade, controle e gerenciamento na reestruturação social da paisagem construída.

A diferença entre ambos estava no papel da assessoria técnica. O programa de reconstrução de casas rurais "enfrentou conflitos entre o que era considerado apropriado pelo meio técnico e o que era aceito pela cultura local. Tal questionamento de valores gerou conflito na elaboração da planta da unidade mínima" (ZYLBERSZTAJN, 2018, p. 66). Já o programa piloto de Miraflores, conduzido por Frederico Mevius, elaborou a unidade habitacional com cada família, que se reunia com um arquiteto para elaborar a melhor solução.

> Para Turner, o ponto chave não era aproveitar o trabalho do usuário, mas facilitar o controle do usuário "do projeto, construção e gerenciamento de sua própria casa". Esse não era um argumento econômico, mas político; ou, em vez disso, ético — era a visão de como grupos de pessoas poderiam trabalhar juntos para construírem suas próprias residências e desenvolver suas próprias comunidades (GYGER, 2013, p. 127; TURNER, 1972, p. 158, tradução nossa).

Depois da experiência em Arequipa, Turner se muda de novo para Lima e passa a desenvolver, junto ao Instituto de la Vivienda (INVI)[40] e subsidiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), sistemas de unidades habitacionais de baixo custo, passíveis de alteração e ampliação realizada pelos próprios beneficiários em um programa piloto e nacional de autoconstrução assistida. Os projetos desenvolvidos ganharam uma certa notoriedade chamando a atenção de grandes personagens como o iugoslavo Ernest Weissman, diretor do um Center for Housing Building and Planning, que visita Arequipa em 1958. Anos mais tarde, as agências internacionais passam a valorizar os projetos que envolviam os beneficiários em algumas etapas de projeto, sendo o Peru um dos expoentes dessa prática na América Latina com o Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de 1966, idealizado (curiosamente) por Belaúnde Terry, que inicialmente, como vimos anteriormente, havia se posicionado contra esses processos (HUAPAYA, 2014a).

---

39 "take years to prepare and for which funds and managerial capacity are generally inadequate".

40 Posteriormente, em 1963, o INVI se transformaria na Junta Nacional de la Vivienda (JNV).

Figura 12. Assembleia em Arequipa, 1958. A foto ilustra uma votação durante a elaboração de um projeto participativo da unidade habitacional.

Fonte: John Francis Charlewood Turner Archives-Westminster University; Gyger, 2013, p. 366.

Segundo Turner, um artigo publicado em 1962 no *British Sunday Times Supplement Magazine*, escrito por James Morris, apresentou uma visão "enganosa e sangrenta das *barriadas*" (INTERVIEW..., 2000, p. 7), gerando descontentamento por parte do embaixador britânico no Peru, Sir Berkley Gage, e de seu primeiro secretário, George Hall, que entraram em contato com a revista e solicitaram um posicionamento mais assertivo. Nesse contexto, nesse mesmo ano, Monica Pidgeon,[41] então editora responsável da revista britânica *Architectural Design*, visitou o Peru e suas *barriadas* e, impressionada com a realidade a ela apresentada por Turner, o convidou para ser editor da edição especial "Dwelling Resources in Latin America", publicada em agosto de 1963.[42] Nela, Turner organiza de forma provocativa a exposição de seu ponto de vista. Inicia apresentando tecnicamente unidades habitacionais rurais autoconstruídas e, na medida em que avança, chega aos assentamentos urbanos, contrapondo projetos de conjuntos habitacionais modernos, construídos para atender o déficit habitacional, com fotos de como eram inadequados para os seus beneficiários. Ao final, Turner expõe os projetos de autoconstrução assistida como um meio de se construir comunidades.

> [...] Os ambientes projetados em série e produzidos em série para um mercado cada vez mais homogêneo de consumidores não são mais que conjuntos de bens materiais desprovidos de significado. Eles não são o produto do diálogo. As decisões são tomadas para o mercado imobiliário por aqueles que estão atados por normas e procedimentos altamente institucionalizados. O ocupante compra ou aluga uma unidade pronta da mesma maneira que ele pega seu automóvel ou aparelho de TV (TURNER, 1968, p. 360, tradução nossa)[43].

Com as lições apreendidas no Peru, Turner se muda para os Estados Unidos em 1965 após alcançar um financiamento da Ford Foundation. Com John Steffian e Horacio Caminos, desenvolve um programa de pesquisa, o Urban Settlement Design in Developing Countries - Massachusetts Institute of Technology (USDC-MIT) em cooperação com a Universidade Harvard, passando a lecionar no MIT entre 1967 e 1973.[44] A partir de então, ele começa a advogar pelo direito à moradia digna e pela construção de uma sociedade mais justa.

---

41 Monica Pidgeon (1913-2009) foi a editora da revista entre 1946 e 1975. Ela foi responsável por internacionalizar trabalhos práticos e técnicos de arquitetura e urbanismo.

42 Como desdobramento deste trabalho, Turner foi convidado a ser o roteirista e consultor do filme *A Roof of my Own* produzido pela United Nations TV e publicado em 1964.

43 "The mass-designed, mass-produced environments for an increasingly homogenized market of mass-consumers are no more than assemblies of material goods devoid of existential meaning. They are not the product of dialogue. Decisions are made for a producer's market by those themselves bound by highly institutionalized norms and procedures. The occupant buys or rents a ready-made unit in much the same way as he gets his motor car or TV set".

44 Ao parecer, a relação próxima com Jaqueline Tyrwhitt se manteve durante seu período de permanência no Peru. Em 1972, ele publicou o artigo "Architecture that works" no livro *Human Identity in the Urban Environment* organizado por ela e Gwen Bell onde apresentou os resultados de suas experiências com as *barriadas* de Lima.

Como pesquisador atuante do MIT, Turner construiu tensões por criticar os que ainda acreditavam no planejamento urbano como disciplina e teoria moderna e compactuavam, assim, com visões convencionais de planejamento. Em contrapartida, ele abordava, de maneira até então inovadora, temas relacionados a assentamentos irregulares.

Considerações finais

As trajetórias profissionais de Eduardo Neira Alva e John F. C. Turner nos mostram pontos em comum em relação a diversos temas voltados para o entendimento da "cidade informal" como caraterística marcante da cidade latino-americana da década de 1960. Esse momento coincide também com uma série de questionamentos, críticas e autocríticas do ideário modernista aplicado às realidades locais como soluções universais. Isso resultou, em relação aos profissionais locais, por um lado, em uma revisão de teorias e soluções elaboradas em outros contextos e realidades antagônicas às latino-americanas e, pelo outro, em uma consciência sobre a necessidade de estudar, aprender e conhecer nossos problemas através da nossa própria perspectiva.

Nesse sentido, como vimos, a discussão sobre questões como autoconstrução, autogestão e ação comunitária começam a ganhar força através da sua incorporação em eventos no nível continental, em centros de pesquisa/ensino e em diversos estudos específicos realizados em alguns países latino-americanos ainda na década de 1950.

É esse o contexto que John F. C. Turner encontra quando da sua chegada a Lima. Haviam sido desenvolvidos trabalhos sobre as *barriadas* que apontavam suas possibilidades. Havia uma consciência sobre a presença delas no campo profissional e o Estado peruano havia iniciado a criação de um conjunto de normas e leis que tinham por objetivo formalizá-las, incorporando-as à dinâmica urbana. Um exemplo disso é o Decreto Supremo Nº 178, promulgado no mesmo ano da chegada de Turner. Quer dizer, como afirma Kosak (2016), Turner se encontrava no momento e lugar exatos.

A isso se acrescenta o papel decisivo de Eduardo Neira Alva, que tinha assumido, à época, o cargo de chefia no DU-MOP. Além disso, ele tinha conquistado notoriedade no campo profissional sendo considerado um dos principais especialistas da área em matéria de habitação social e de planejamento urbano e regional. Ou seja, podemos falar de uma série de eventos que coincidiram ou foram propícios para a posterior construção teórica de Turner.

Por fim, considerando o exposto, é possível entender que ao passo que Eduardo Neira Alva era um dos exímios e reconhecidos técnicos locais, de conhecimento específico e saberes culturais que permitiam um trânsito político digno de lei, Turner era o porta-voz para o mundo de língua inglesa do que era a realidade local das *barriadas* e assentamentos informais no Peru, fato consagrado pelo seu artigo de 1963 na *Architectural Design*. No entanto, a forma como cada um deles incorporou e ou deu solução aos problemas das *barriadas* foi diversa. Apesar de ambos deixarem clara a pertinência da incorporação e aproximação da sociedade às políticas públicas, Neira Alva

ainda acreditava no Estado como benfeitor, e Turner insistia e acreditava no poder dos usuários. Isso nos leva a entender os caminhos trilhados por eles a partir do final da década de 1960. De um lado, Neira Alva focou seu interesse na avaliação de conjuntos residenciais modernos como solução ao déficit habitacional no continente (com ênfase àqueles desenvolvidos para o caso venezuelano) e em propostas de estudos específicos que incorporassem técnicas construtivas e materiais locais adequados à região. Do outro, Turner, além de incorporar a experiência local, continuou apostando no entendimento das *barriadas* na escala latino-americana realizando várias viagens no continente para, finalmente, dedicar-se à ação política dessa população.

Referências

BALLENT, A. Learning from Lima. PREVI, Perú: habitar popular, vivienda masiva y debate arquitectónico, 1945-1970. **Block. Revista de Cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio**, Buenos Aires, n. 6, 2004, p. 86-95.

BELAÚNDE TERRY, F. Patrick Geddes, un escocés de espíritu andino. **El Arquitecto Peruano**, Lima, n. 279-280-281, 1960. Não paginado.

CÓRDOVA, A. **La vivienda en el Perú**. Lima: Casa Nacional de Moneda, 1958.

DONGO DENEGRI, L. **Vivienda y urbanismo**. Arequipa: El Deber, 1962.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, M. A. A; HUAPAYA ESPINOZA, J. C. Diálogos modernistas com a paisagem: Sert e o Town Planning Associates na América do Sul, 1943-1951. In: GOMES, M. A. A. (org.). **Urbanismo na América do Sul.** Circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 149-173.

GORELIK, A. La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico. **Revista del Museo de Antropología**, Córdoba, n. 1, 2008, p. 73-96.

GRINGO de barriada. **Caretas**, Lima, n. 437, 1971, p. 16.

GYGER, H. E. **The Informal as a Project:** Self-Help Housing in Peru, 1954-1986**.** 2013. Tese. Ph.D., Columbia University Academic Commons. (Philosophy under the Executive Committee of the Graduated School of Arts and Sciences). Ph.D., Columbia University Academic Commons. Columbia - USA. 2013.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. **Fernando Belaúnde Terry y el ideario moderno.** Arquitectura y Urbanismo en el Perú entre 1936 y 1968. Lima: Editorial Universidad Nacional de Ingeniería/ Editorial Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2014a.

_____. Hacia una nueva concepción de la vivienda en el Perú. Los aportes de la Corporación Nacional de la Vivienda, 1945-1956. **Wasi. Revista de estudios sobre vivienda**, v. 1, n. 2, p. 65-76, 2014b.

_____. ¿Modernismo regional o regionalismo moderno? La contribución de Eduardo Neira Alva al problema de la vivienda en América Latina. **Wasi. Revista de estudios sobre vivienda**, v. 2, n. 3, p. 101-115, 2015a.

_____. Eduardo Neira Alva. Aportes profesionales para el debate sobre el desarrollo territorial y la ecología urbana en América Latina, 1961-1998. In: **Anais do XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Belo Horizonte: ANPUR, 2015b.

_____. [Re]Pensando a "cidade latino-americana": a Sociedad Interamericana de Planificación (SIAP) e as discussões em torno dos "assentamentos precários", 1964-1979. In: **Anais do 1º Congresso Ibero-americano de História Urbana**, Santiago do Chile: AIHU, 2016.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C.; GRAPPI, L. P. Novas velhas questões? [Re]visitando as teorias de John F. C. Turner sobre a 'cidade informal' no Brasil. In: **Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 2017, São Paulo.

INTERVIEW of John F C Turner. Entrevista realizada por Roberto Chávez, Julie Viloria e Melanie Zipperer na sede do Banco Mundial (Washington) em 11 de setembro de 2000. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/241995408/ENTREVISTA-JOHN-TURNER-pdf. Acesso em: 27 nov. 2020.

KOZAK, Daniel. John F. C. Turner y el debate sobre la participación popular en la producción de hábitat en américa latina en la cultura arquitectónico-urbanística, 1961-1976. **Urbana. Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos Sobre A Cidade,** v. 8, n.3, p. 49-68, 2016.

LA HOJA de urbanismo. **El Arquitecto Peruano**, n. 141, 1949. Não paginado.

SOCIEDAD de Arquitectos. **El Arquitecto Peruano**, n. 148, 1949. Não paginado.

LA MIGRACIÓN provinciana y los problemas que plantea. **El Comercio**, 1954, p. 3-4.

LEWIS, David (ORG.). **El crecimiento de las ciudades**. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

MANGIN, W. Squatter Settlements. **Scientific American**, v. 217, n. 4, p. 21-29, out. 1967. Disponível em: https://www.jstor.org/

stable/24926143?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 23 maio 2019.

MARCHI, L. Z. CIAM 8 - The Heart of the City as the Simbolical Resilience of the City**.** In: **Anais do 17º International Planning History Society. History Urbanism Resilience**: The Urban Fabric, v. 2, p. 135-144, 2016. Disponível em: https://journals.open.tudelft.nl/index.php/iphs/issue/view/455/IPHS1702. Acesso em: 16 maio 2017.

MATOS MAR, J. **Estudio de las barriadas limeñas**. Lima: Departamento de Antropología/Facultad de Letras y Ciencias Humanas/Universidad Mayor de San Marcos, 1966 [1955].

MELGAR, J. **35 años de protagonismo**. Lima: Ed. Navarrete, 1991.

NEIRA ALVA, E. El urbanismo y las provincias. **El Comercio**, 1950a, p. 1.

_____. El folklore andino en Lima. **El Comercio**, 1950b, p. 1.

_____. Un interesante ejemplo de vivienda espontanea. **El Arquitecto Peruano**, n. 246-247-248, 1958. Não paginado.

_____. La transformación del hábitat humano. **Colección Espacio y Forma**, n. 9, jan. 1961, p. 1-16.

NOTAS. **El Arquitecto Peruano**, n. 258-259-260, 1959. Não paginado.

OFICINA NACIONAL DE PLANEAMIENTO Y URBANISMO DEL PERÚ (ONPU) (Ed.). **Unidad Vecinal No. 3**. Bogotá: Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1958.

OYÓN, J. L. John Turner: los escritos, su contexto y la infuencia geddesiana. In: TURNER, J. F. C. **Autoconstrucción.** Por una autonomía del habitar. Escritos sobre vivienda, urbanismo, autogestión y holismo. La Rioja: Pepitas, 2018, p. 195-256.

RIOFRIO, G. **Se busca terreno para próxima barriada**. Lima: CESCO, 1978.

_____. **¿Qué vivienda han construido? Nuevos problemas en viejas barriadas**. Lima: CIDAP/Tarea, 1987.

SHOSHKES, E. Jaqueline Tyrwhitt translates Patrick Geddes for post-world war town planning. **Landscape and Urban Planning: An international Journal of Landscape Science, Planning and Design**, v. 166, p. 1-10, out. 2017. Disponível em: http://www.

sciencedirect.com/science/article/pii/S016920461630189X Acesso em: 28 abr. 2017.

SOCIEDAD de Arquitectos. **El Arquitecto Peruano**, n. 148, 1949. Não paginado.

TURNER, J. F. C. Dwelling Resources in South America. **Architectural Design**, v. 33, n. 8, p. 359-393, 1963.

_____. La autoconstrucción. La necesidad de nuevas unidades de vivienda. **Desarrollo Económico**, v. 1, n. 3, p. 32-39, 1964.

_____. Architecture of Democracy - The squater settlements: an architecture that works. **Architectural Design**, Londres, n. 8, p. 354-360, 1968.

_____. **Vivienda**. Todo el poder para los usuarios. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1977 [1976].

_____. What I Owe to Charles Abrams. **Habitat Internacional. A Special Issue dedicated to Charles Abrams (1901-1970)**, v. 5, n. 1-2, p. 40, 1980. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0197397580900594. Acesso em: 23 maio 2019.

_____. Entrevista realizada por Helen Elizabeth Gyger entre 18 - 23 jan. 2007. Disponível em: **Arquivo Turner**, Universidade de Westminster - Londres. Acesso em: fev./mar. 2017.

TURNER, J. F. C.; FICHTER, R (orgs.). **Libertad para construir**. El proceso habitacional controlado por el usuario. México: Siglo XXI, 1976 [1972].

UNIÓN PANAMERICANA. **CINVA 1952-1962**. Washington: Unión Panamericana, 1962.

WELTER, V. M. **Post-war CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes**. In: CIAM Team 10, the English Context. 5 de nov. 2001, Delft. TU Delft: Faculty of Architecture. 5 nov. 2001. Disponível em: http://www.team10online.org/research/papers/delft1/welter.pdf. Acesso em: 28 abr. 2017.

WIENER, P.; SERT J. L. Can Patios Make Cities? **Architectural Forum**, v. 99, n. 2, p. 124-131, 1953.

ZYLBERSZTAJN, B. E. **John F. C. Turner**: vida, obra e sua contribuição para a revisão da política habitacional nos anos 1970. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

COMO CITAR

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. Eduardo Neira Alva e John F. C. Turner: (Des)construindo paradigmas sobre autoconstrução, autogestão e ação comunitária, 1958–1963 **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 14-47, 2024.